

A influência da tuberculose para as intervenções de políticas públicas em São José dos Campos no período sanatorial.

ANA GABRIELA DA SILVA*

As interferências causadas pelas epidemias atingem as mais variadas dimensões da sociedade. As interferências causadas pelas epidemias atingem as mais variadas dimensões da sociedade, se caracterizando como um problema coletivo que requer a intervenção do Estado. No caso dessas intervenções no estado de São Paulo e, principalmente, em São José dos Campos, uns dos estados mais preocupados com as epidemias que assolavam o país tiveram um processo longo e demorado, ocasionando o tratamento pela iniciativa privada. Preocupados com as doenças e o bom funcionamento de suas lavouras e fábricas, figuras importantes no estado paulista investiram em políticas de saúde ao invés de esperar uma iniciativa do Governo Federal.

Trata-se de um período de crescimento de uma consciência entre as elites em relação aos graves problemas sanitários do país e de um sentimento geral de que o Estado nacional deveria assumir mais a responsabilidade pela saúde da população e salubridade do território.¹

Hochman (1998) analisa o impacto dessas políticas de saúde pública, principalmente entre 1910 e 1920, e sua contribuição para a urbanização e industrialização do país. Sendo que a partir do momento em que o estado soluciona o problema sanitário, abrem-se as portas para a urbanização das cidades. Desta forma, este trabalho apresenta a cidade de São José dos Campos, sua estrutura e seu replanejamento, como um lugar de tratamento da tuberculose a partir de iniciativas privadas e públicas.

São José dos Campos foi uma cidade em decadência na fase do café. Graças a investimentos dessa elite paulista, a cidade resurge no cenário nacional como a “cidade que cura”. Investimentos em sanatórios, laboratórios e infraestrutura possibilitaram ao município reacender com a disseminação da tuberculose. Quando a tísica começa a afetar o desenvolvimento de São Paulo, a elite providência a retirada desses doentes da capital

* Mestranda pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

¹ HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento: as bases da saúde pública no Brasil. 1998, p.40.

paulista, afastando os operários da possibilidade de contágio e investindo em sanatórios longe da metrópole, pois a doença causaria mal aos negócios,²

[...] Os comerciantes locais financiaram vários projetos filantrópicos. Ainda segundo a autora, foi a combinação entre interesses comerciais – uma cidade insalubre e trabalhadores doentes não atraem bons negócios – e altruísmo que motivou a participação de setores privados nas questões sanitárias³.

Esses investimentos por parte da elite criaram apoio e melhorias para a população de doentes, investimentos que deveriam vir por parte do governo. Sendo assim, iniciava a criação de sanatórios no interior do estado, ao passo em que uma exclusão/isolamento das pessoas contaminadas. São José dos Campos e Campos do Jordão foram as principais cidades a receberem esses investimentos, logo os doentes se “afastaram” e o problema que assolava a capital se transferia para essas cidades. São José se tornou um local rejeitado, procurado somente por doentes, médicos, sanitaristas e pessoas ligadas ao combate da tuberculose, onde a população saudável tinha medo de se contaminar, por isso suprimiam os tísicos do convívio social. Essa ideia de exclusão dos tísicos na cidade pode ser observada através das plantas de zoneamento (Figura 2) da mesma na época. A população joseense ficava do outro lado do rio, no centro da cidade ficavam os sanatórios e pensões, não havendo mistura de moradias com o setor de tratamento.

“AURA TERRA QUE GENEROSA”

“Aura Terra que Generosa” são os dizeres, escritos no brasão de armas de São José dos Campos, adotados pela Lei Municipal 180/1926 que significa “Generosos são meus ares e minha terra”, sinônimo exato de como os políticos joseense⁴ desejavam que o município fosse conhecido: um espaço que curava através do seu ar. Situada no Vale do Paraíba no estado de São Paulo, a cidade de São José dos Campos localiza-se à cerca de 94Km de São Paulo e aproximadamente 343Km do Rio de Janeiro, distância essa que é facilmente percorrida pela Rodovia Presidente Dutra hoje.

Trata-se, portanto, de um local de fácil acesso. Segundo dados do IBGE, havia cerca de 18.122 mil habitantes em 1900, bem menos que as cidades vizinhas como: Taubaté,

² Esse movimento do desenvolvimento de algumas cidades sanatoriais é compreendido como período sanatorial.

³ FARIA, Lina. Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. 2007, p.118.

⁴ Nome dado aquele que nasceu e reside em São José dos Campos.

Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Não se sabe ao certo quando o afluxo de doentes tuberculosos se tornou mais intenso, mas, em 1950, a população da cidade já era de 44.804 mil, tendo o maior crescimento demográfico da região (Figura 1).

Descrita por muitos escritores como uma cidade tranquila, ela está a uma altitude média de 600m acima do nível do mar, com um clima temperado-seco, agradável e vista pelos médicos da época como eficiente auxílio no tratamento da tuberculose, um dos maiores motivos de exaltação e procura. Tal clima era tão glorificado pelos divulgadores de São José que ele está estampando na capa do *Boletim Médico*⁵ com os dizeres: “S. José dos Campos – o clima maravilhoso para o tratamento da tuberculose”. No artigo inaugural da Revista intitulado *Nova Apresentação*, o Editorial já nos alerta sobre os objetivos do mesmo: “Há muito, vínhamos sentindo a necessidade de propagar de modo mais amplo o nosso grande entusiasmo pelo clima maravilhoso de SÃO JOSÉ DOS CAMPOS cujas virtudes operam á nossa vista, tantos e tão reaes prodigios.”⁶

Portanto, existia toda a preocupação com infecção dos moradores, do contato com esses doentes, da estrutura da cidade para os manterem separados. Essa preocupação já podia ser notada antes mesmo de uma procura mais intensa da cidade, podemos observá-la no Jornal *O Caixeiro*, datado de 27 de Julho de 1905, que demonstrava, talvez, as primeiras preocupações da “população” com a chegada desses doentes e proliferação da doença,

[...] É preciso que a camara tenha conhecimento dos casos dessas molestias na nossa cidade, para poder assim dar as providencias necessarias.

Para isso, acreditamos que por meio dos distinctos facultativos que aqui clinicam com sua maior proficiência, poderá ella estar ao par desses casos, sabendo quaes as pessoas atacadas e dos casos de fallecimento de tuberculosos.

[...] Custa-nos a acreditar que realmente tenham se dado esses casos de menospreso a salubridade publica, mas o que é verdade, é que se tenham ou não dado, o povo precisa estar socegado e confiado na acção da camara a esse respeito.

⁵ O Periódico *Boletim Médico* circulou em São José dos Campos, entre 1932 e 1936, com publicação mensal e distribuição gratuita. Ele traz o olhar e as atividades dos médicos tisiologistas que atuaram na cidade.

⁶ *BOLETIM MÉDICO*, Maio de 1933, p.1.

O descuido nesse caso acarretará sobre nós dois grandes prejuízos: o desenvolvimento dessa moléstia e o descredito da cidade quanto a sua salubridade. [...]⁷

Podemos perceber que antes mesmo da construção de Sanatórios, hospitais, dispensários, postos de Higiene, o jornal joseense já se mostrava apreensivo com a presença dos tísicos no município e com a disseminação da tuberculose. Uma primeira solução posteriormente realizada foi um zoneamento na cidade, separando a região sanatorial, da região industrial e da região dos moradores. Através da Figura 2 é possível notar a distribuição dos sanatórios, pensões e lugares de apoio aos tuberculosos (zona Sanatorial), a zona industrial e a zona residencial. Dessa forma, a zona sanatorial era longe da zona de ocupação populacional, pensando na saúde das pessoas e, também, como uma forma de discriminação com os tuberculosos.

São José dos Campos se estruturou, em grande parte a partir da tuberculose, ou seja, a doença influenciou no processo de mudanças de urbanização da cidade. Como já dito a doença virou negócio, antes mesmo de existir um controle sobre a mesma. Na passagem da era sanatorial para era industrial, é perceptível a mudança, a nova divisão dos lugares, sua urbanização e organização. Essa reforma urbana seguiu o padrão de São Paulo, suas ruas e construções foram transformadas para ter um cunho mais civilizado, se tornando uma das cidades que participaram do circuito modernizador paulista.

A tuberculose direcionou o crescimento urbano e identificou a cidade. Embora a mudança das fachadas coloniais reflita as modificações da concepção social dos espaços público/privado, na cidade em que casas se convertem em pensões e pensões em sanatórios, as varandas, além de amplas janelas e portas distanciadas da rua adquirem significado único.⁸

A cidade no início enfrentou problemas de ausência de leitos no Sanatório Vicentina Aranha⁹, principal e, por algum tempo, único sanatório da cidade, havendo mais pessoas doentes do que o hospital poderia alocar. A partir das fontes, foi possível observar que muitas pessoas ficavam a mercê da própria sorte, sem leito e recursos para voltar para as cidades de origem. Observa-se, então, o surgimento de novos sanatórios, pensões e residências que se

⁷ O CAIXEIRO, Julho de 1905, num.34.

⁸ VIANNA, Paula V. Carnevale; ELIAS, Paulo Eduardo M. Cidade Sanatorial, cidade industrial: espaço urbano e política de saúde em São José dos Campos, São Paulo, Brasil. 2007, p. 1301.

⁹ Foi inaugurado em 1924, por iniciativa filantrópica.

especializaram em tratar desses doentes que chegavam sem muitos recursos. O *Boletim Médico* chamava atenção para esses problemas em 1934:

Os sanatórios estão abarrotados e fóra delles, a hospedagem gratuita já esgota todas as suas possibilidades. Ficam pois, esses desgraçados a perambular pelas ruas, quando suas forças ainda o permitem, a mendigar o dinheiro da passagem de volta, e a exhibir um quadro tristissimo de doença e de miséria.¹⁰

A cidade se transformou, conforme as leis sanitárias vigentes, buscando se tornar cada vez mais um lugar de referência no tratamento da tuberculose. Essas reformas acabaram transportando a cidade para um momento atualmente muito mais majestoso na sua história, o técnico-científico. Muitas mudanças só existiram devido ao investimento em políticas de saúde públicas pelo governo paulista, sua autonomia em relação ao Governo Federal permitiu que o estado estivesse sempre à frente dos outros.

[...] vemos que o município de São José dos Campos passou por uma série de transformações no espaço urbano, a sua organização espacial sofreu grandes alterações decorrentes da produção do espaço, ora decorrente da plantação do café, ora na era sanatorial e atualmente na fase industrial, de grande desenvolvimento tecnológico e informacional. Porém, em todas essas fases o meio urbano, apresentou problemas, e muitos deles não foram solucionados persistindo até os dias atuais.¹¹

Figura 1 – Evolução Decenal das cidades do Vale do Paraíba.

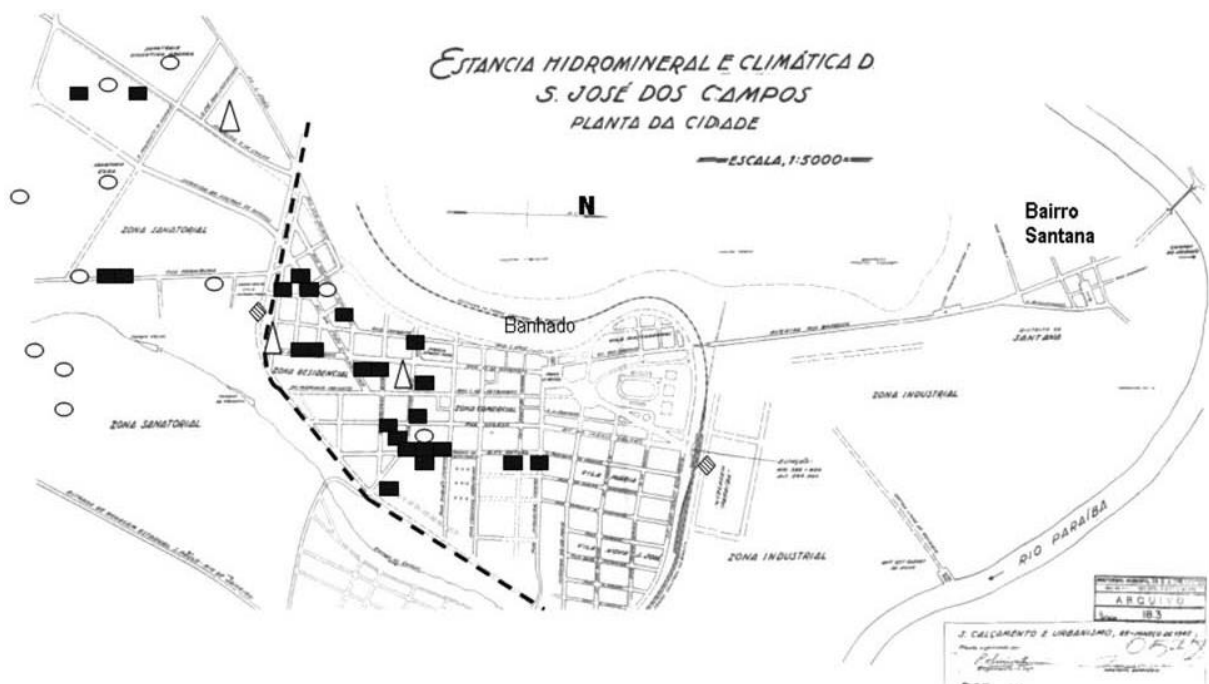
| Municípios | 1900 | 1920 | 1940 | 1950 | Crescimento demográfico (% a.a.) |
|-----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------------------------|
| Caçapava | 12.267 | 18.099 | 16.352 | 19.301 | 0,73 |
| Cruzeiro | 11.075 | 12.676 | 16.466 | 19.918 | 0,89 |
| Guaratinguetá | 38.263 | 42.101 | 29.345 | 36.657 | -0,09 |
| Jacareí | 15.309 | 18.135 | 23.669 | 27.561 | 0,89 |
| Lorena | 12.895 | 15.645 | 15.961 | 24.569 | 0,95 |
| Pindamonhangaba | 21.871 | 26.493 | 22.995 | 28.901 | 0,49 |
| S.J. Campos | 18.122 | 30.681 | 36.279 | 44.804 | 1,19 |
| Taubaté | 36.723 | 45.445 | 40.970 | 52.997 | 0,61 |
| Outras cidades | 173.149 | 159.729 | 197.009 | 198.028 | 0,25 |
| Total | 339.674 | 369.004 | 399.046 | 452.736 | 0,50 |

Fonte: IBGE: Dados populacionais. Censo 1900-1950.

¹⁰ BOLETIM MÉDICO, fevereiro de 1934, p.1

¹¹TORTORELLA REANI, Regina; PÉREZ MACHADO, Reinaldo Paul. A influência do meio no planejamento urbano: o caso de São José dos Campos - SP. 2011, p.13 e 14.

Figura 2 – Zoneamento da cidade, em 1938.



- Sanatórios
- Pensões sanatoriais
- ◆ Indústrias
- △ Edificações de apoio ao tuberculoso

Fonte: VIANA, P.V.C., ELIAS, P.E.M., 2007, p.1300.

SANATÓRIOS (CENTRO DE SAÚDE)

O termo centro de saúde (*Health Center*) foi usado, inicialmente, nos Estados Unidos, para denominar postos de assistência à infância. Seu objetivo era o de acompanhar o desenvolvimento da saúde da criança, da fase pré-natal à idade adulta. Posteriormente, ganhou nova significação, qual seja a de agrupamento de serviços médicos, de enfermagem e assistência sanitária.¹²

Assim como nos Estados Unidos, o conceito de centro de saúde foi ampliado para atender todas as necessidades e carências da população. No Brasil a política de saúde pública e as intervenções privadas mobilizaram e iniciaram um sistema sanitário para conter as variadas epidemias que se alastravam pelo país. A criação de Sanatórios, hospitais e laboratórios só foram possíveis através de capital privado. A demora e a deficiência do governo federal no atendimento a todas as regiões brasileiras levaram os estados a tomarem atitudes individuais. São Paulo e Minas Gerais eram grandes investidores em políticas de melhorias da vida pública, o objetivo era tornar as cidades mais salubres e modernas, resultando em menos incidências de doenças de propagação em massa.

Em meio às crises sanitárias, os projetos de contenção das epidemias e intervenções sanitárias resolvem as prioridades das autoridades da época. Inicia-se, portanto uma busca por uma cidade mais salubre, urbanizada e moderna. Rio de Janeiro e Santos, cidades portuárias e de entrada de imigrantes, foram replanejadas, bem como Campos do Jordão e Belo Horizonte foram planejadas seguindo os preceitos sanitários difundidos no período.¹³ O serviço sanitário paulista era, absolutamente, autônomo em relação às medidas adotadas pelo governo, o governo paulista tomou a frente nas reformas sanitárias, se tornando referência:

Três décadas mais tarde, no crepúsculo da Primeira República, a afirmação da independência sanitária paulista continuava sendo importante. Quando um inesperado retorno da febre amarela à Capital Federal, em 1928, causou pânico e ameaçou o restante do país, o diretor de Saúde Pública de São Paulo destacou o resultado positivo de suas ações, que impediram a propagação da doença no estado [...].¹⁴

Muitas são as diferenças e semelhanças entre as epidemias de tuberculose e influenza espanhola. A influenza teve várias ocorrências ao longo dos anos, todas elas diferentes entre si, tanto em relação à quantidade de infectados e mortalidade quanto na questão da própria

¹² FARIA, Lina. Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. 2007, p.113.

¹³ Sobre a edificação de Belo Horizonte e Campos do Jordão, cf.: SILVEIRA, 2008; VIANNA, ELIAS, 2007. Sobre o replanejamento do Rio de Janeiro e Santos, cf.: BENCHIMOL, 2003.

¹⁴ HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento: as bases da saúde pública no Brasil. 1998, p.221.

gripe. Alguns pesquisadores diziam que o vírus sofria uma mutação, portanto, toda vez que existia uma epidemia a influenza era outra.

“Além de chamar atenção pela sua dimensão trágica, matando em menos de cinco meses mais pessoas que os quatro anos de guerra, o desastre da gripe espanhola ganha maior destaque por ter ocorrido em um momento marcado pelo discurso triunfalista.”¹⁵

Mesmo após a descoberta do vírus transmissor da tuberculose, ela não pode ser extinta. Com o desenvolvimento de tratamentos e diagnóstico, houve um controle de reincidência e mortalidade, mas seu fim ainda não pode ser dado por completo. Segundo Piller em 2010,

No Brasil, 57 milhões de pessoas estão infectadas pelo bacilo, com 71 mil casos novos em 2010 e uma incidência de 37,2/100.000 habitantes. O número de casos em homens é o dobro daquele em mulheres. Populações vulneráveis e vivendo em grandes cidades apresentam taxas de incidência maiores do que a média da população geral. Chama a atenção a população carcerária, com taxas 25 vezes maiores que a população geral, os *portadores de HIV/AIDS*, com taxas 30 vezes maiores, e indivíduos vivendo em ruas, com taxas 67 vezes maiores.¹⁶

Ainda hoje, ela infecta milhares de pessoas no mundo, vivemos, assim, uma longa pandemia de tuberculose. Se no século XXI as medidas de saúde pública ainda não foram capazes de extinguir a tísica, essas políticas sobre as doenças infecciosas colocaram em evidência as ideologias e mentalidades sociais no século XIX e XX, através de exclusão social dos infectados e isolamento em cidade sanatoriais. Existiram oito sanatórios na cidade de São José dos Campos entre 1924 e 1960: Sanatório Vicentina Aranha, Vila Samaritana, Ezra, Maria Imaculada e Antoninho da Rocha Marmo, Ruy Dória, Ademar de Barros e São José.

Uma das muitas preocupações do jornal *Correio Joseense*, era a vinda de milhares de tuberculosos para os sanatórios, e quando não mais tivessem leitos, onde esses pobres enfermos ficariam? Quando as vagas dos sanatórios esgotassem, esses enfermos ficariam na rua, sendo que alguns sem condições de voltar para suas casas, acabariam levando o mal do *Bacilo de Koch* para os moradores de São José. Esses enfermos acabaram acamados nas muitas pensões e hotéis existentes na cidade, estando esses estabelecimentos autorizados ou não para o recebimento dos mesmos. Nesses locais os pacientes tinham um quarto individual

¹⁵ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918. 2008, p.20.

¹⁶ PILLER, Raquel Vilela Blake. Epidemiologia da Tuberculose. 2012, p.4.

ou coletivo e recebiam visitas médicas e tratamento. Muitos farmacêuticos eram donos de pensões e eles mesmos medicavam e tratavam esses hóspedes, esses “pseudos-curadores” não tinham licença para atuação e, muitas vezes, nem para o funcionamento da pensão/hotel.¹⁷ Essas pensões eram divulgadas no jornal da cidade, no *Boletim Médico* e em jornais do estado de São Paulo, atraindo ainda mais tuberculosos.¹⁸

Com a construção do Sanatório Vicentina Aranha, a pequena cidade de São José começa a ser procurada por diversos tipos de pessoas: enfermos, médicos, autoridades sanitárias, comerciantes, trabalhadores e entre outros. O número de moradores aumentou rapidamente, gerando mais trabalho para a prefeitura local, principalmente em relação a saneamento básico, pois a cidade não tinha nenhuma rede de esgoto e nem de água. Em passo acelerado, os 130 leitos do único sanatório da cidade se esgotaram, mas as pessoas continuavam a chegar à cidade a procura do sanatório e de tratamento especializado.

O Jornal *Correio Joseense*, já tinha publicado uma nota no dia da inauguração do Sanatório discorrendo que um estabelecimento como esse não traria proveito à cidade, somente miséria e mais pessoas contaminadas pela tuberculose. Rebatidos pelo Jornal paulistano, *Folha da Noite*, que publicou uma nota dizendo que os colegas do *Correio Joseense* eram contra o sanatório e o desenvolvimento da cidade. Em Maio de 1924, o jornal joseense volta a publicar suas preocupações com os tuberculosos que aqui chegariam e com a disseminação da tísica:

O nosso receio pela invasão de enfermos, na nossa cidade, subsiste, uma vez que de toda a parte virão doentes em procura do Sanatorio.

Isto não quer dizer que aqui não exista actualmente grande numero de enfermos disseminados em pensões e casas particulares. Porem, um mal não justifica outro. Uma vez que nossa localidade, pela fama do seu clima, se vê condemnada a receber doentes de uma molestia tão insidiosa como é a tuberculose, nem por isso se deve concordar que se a transforme num vasto hospital, enchendo-a de doentes. E este perigo nós continuamos a encherger com a inauguração do Sanatonio, uma vez que esse instituto não possa abrigar todos quantos baterem-lhe as portas, ou não queira dar acolhida – como dizem – aos pobres, somente recebendo doentes de classe ou sejam os ricos.

Este justamente é que menos perigo offerecce, sendo geralmente pessoas de tratamento, de hábitos hygienicos naturaes, de modo que, pelos recursos de que dispoem se rodeiam de todas as commodidades sem encommodar ninguem.

¹⁷ ZANETTI, Valéria; PAPALI, Maria Aparecida; OLMO, Maria José A. del; VIANNA, Paula V. Carnevale. *Boletim Médico: prescrição dos tisiólogos para a cura da cidade de São José dos Campos (1930-1935)*. 2010, p.726.

¹⁸ *Ibidem*, p.728.

Os pobres sim, sem recursos são obrigados a residirem em verdadeiros pardieiros sem ar e sem luz, com ausencia absoluta de meios higienicos constituindo-se portanto vehiculadores da mosletia que carregam.¹⁹

Mesmo após a criação de outros sanatórios na cidade, o problema continuou e se intensificou. O *Boletim Médico* culpava as autoridades e os médicos que incentivavam os enfermos a virem para a cidade sem preparo e guia médica. Alertava sobre a superlotação da cidade, que não tinha mais leitos nos sanatórios e, fora deles, as pensões gratuitas e pagas já não tinham mais vagas também. Além de todo o problema da superlotação, já não tinham mais material para amparar esses doentes, sendo necessário que as autoridades voltassem seus olhos para a cidade e ajudassem os sanatórios com suprimentos para tratar dos pacientes.

Não é esta a primeira vez que se torna necessario appellar para os nossos collegas no sentido de não enviarem para as estações de clima doentes sem recursos e desprovidos de guias para internação nos sanatorios.

Os prefeitos e autoridades sanitárias de S. José dos Campos e Campos do Jordão têm feito publico, por diversas vezes, advertencias nesse sentido.

Mas parece que muitos desses nossos collegas ainda não se convenceram da superlotação de todos os nossos sanatorios e da impossibilidade material de amparar todos os que vêm para os climas em busca de saúde, sem meios de tratamento.²⁰

PENSÃO ROSENBERG Estabelecimento destinado a pessoas em tratamento. Possui todos os requisitos necessarios para um estabelecimento desta natureza. :: ::

— de —

Emanuel Rosenberg

Av. Dr. João Gullhermino N.º 70 — Phone: 86 — Caixa Postal, 7
 S. JOSE DOS CAMPOS

HOTEL RIO BRANCO
 EXCLUSIVAMENTE FAMILIAR — FUNDADO EM 1914
JOÃO CAPISTRANO DE ABREU

Cosinha de primeira ordem. Garage á disposição dos Srs. Viajantes e turistas. Hygiene absoluta e serviço esmerado. NAO ACCETTA PESSOAS PORTADORAS DE MOLESTIAS CONTAGIOSAS.

Situado na parte central da cidade. — Diaria 10\$000.
 Rua 15 de Novembro, 74 — Telephone, 9 — São José dos Campos — Est. S. Paulo.

Pensão Carioca
 de FREDIANO BIANCHI

Estabelecimento de primeira ordem para o tratamento das molestias das vias respiratorias, situado em estação climaterica aconselhada por todas as notabilidades medicas.

Edificio obedecendo a todos os requisitos de hygiene.
 Rua da Fabrica, 13 — Telephone 168 — São José dos Campos.

Fonte: Boletim Médico, Fevereiro de 1934.

¹⁹ CORREIO JOSEENSE, Maio de 1924, num 209.

²⁰ BOLETIM MÉDICO, Fevereiro de 1934, p.1.

QUESTÕES POLÍTICAS

De modo geral, as grandes cidades brasileiras, no final do século XIX e início do século XX, eram desorganizadas e insalubres. Com o aumento da migração e o desenvolvimento da indústria, questões como miséria e propagação de doenças se tornaram constante no cenário nacional. Apesar das inovações na medicina, essas nem sempre foram suficientes para tratar das demasiadas doenças que afligiam o país, sendo necessário o governo tomar medidas para prevenir e educar a população. Um dos maiores impasses era a população pobre que vivia amontoada no centro da cidade, em casas com pouca higiene e com uma má alimentação.

As soluções surgidas para afastar a dupla ameaça – das doenças e dos pobres – convergiam para duas linhas de ação interligadas: intervir no tecido urbano através de reformas e melhoramentos, como rede de esgotos, fornecimento de água potável, limpeza e saneamento dos espaços públicos, e intervir nas condições de vida dos pobres, deslocando-os das regiões centrais e/ou disciplinando hábitos e comportamentos.²¹

Esses mesmos problemas podem ser observados no início do período sanatorial de São José dos Campos, na década de 1930, até mesmo antes. Através dos meios de comunicação existentes na época são perceptíveis as transformações e preocupações da cidade. Uma das primeiras medidas da prefeitura joseense foi à ampliação do cemitério municipal²² que passou a ser fechado por muros e a ter uma divisão em quadras, tornando-se mais organizado e seguro. Outras mudanças foram realizadas em relação às ruas, calçadas, casas e hospitais, um projeto futuro que visava cada vez mais um setor urbanizado e salubre para a recepção de todos os tuberculosos.

Existia uma busca pela cidade perfeita que conseguisse controlar a disseminação de doenças e oferecesse melhores condições de vida para a população. Belo Horizonte, em 1918, segundo o discurso da elite mineira formava uma tríade: “Higiene, civilização e progresso”, sendo um local eficiente em salubridade e urbanização que tinha as doenças que chegavam à cidade logo eram controladas.

A ausência das principais moléstias que afligiam outros centros urbanos e que denegriam a reputação de cidades importantes, como o Rio de Janeiro, foi outro elemento do qual se valeu o discurso que se construía sobre a capital. Efetivamente,

²¹ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918. 2008, p.87.

²² Lei nº 142, de 21 de Janeiro de 1924.

Belo Horizonte não assinalava epidemias de cólera e peste, facilmente disseminadas nas grandes aglomerações.²³

O Rio de Janeiro passava por um momento de reformas, no mesmo período: era preciso mudar, deixar o velho modelo de lado e prosperar. Os higienistas corriam para transformar a capital brasileira em uma cidade urbanizada, salubre e atrativa aos imigrantes. Mesmo que essas mudanças tenham demorado a ocorrer, as promessas de melhorias por parte do governo federal ajudaram a promover a capital.

Os mesmo argumentos trazidos de cidades como Rio de Janeiro e Belo Horizonte para as reformas e melhorias públicas podem ser observados em São José dos Campos. A cidade recebe grande investimento privado e público, as elites apostam no desenvolvimento urbanístico e salubre, possibilitando que se torne um refúgio daqueles que procuram a cura para tísica, gozando, de certa forma, de um planejamento urbano diferenciado.

A cidade da década de 1920 abria suas portas para a modernização, representada pelas reformas urbanas e urbanísticas, pela regulação dos espaços e normalização dos comportamentos, pelas facilidades conferidas aos —capitalistas que sensivelmente percebessem as vantagens do próspero município.²⁴

[...] Assim, é no espaço sanatorial que vão se concentrar os investimentos públicos em infraestrutura, equipamentos e serviços, e que terá suas finalidades transformadas, bem como a área de moradia da população mais rica [...].²⁵

Pós-proclamação da República, a rural São José dos Campos (19 mil habitantes), à semelhança das cidades brasileiras recém-formadas, urbanizou-se apoiada em capitais mercantis locais e na infra-estrutura propiciada por parcerias público-privadas. As normas instituídas pela Câmara e os contratos com capitalistas nacionais e estrangeiros caracterizaram a lenta modernização, que incorporou a questão sanitária.²⁶

O periódico *Boletim Médico* nos permite ver e entender a tuberculose em São José dos Campos de forma mais objetiva. Inicialmente, este surgiu para divulgar as maravilhas do clima e das práticas médicas realizadas em São José, mas realizou mais que isto: seus artigos não só são demonstrações claras do atraso nas práticas médicas da época, como também sobre as evoluções nos tratamentos e a preocupação que a tuberculose gerava nos médicos e nos

²³ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918. 2008, p.135.

²⁴ TORTORELLA REANI, Regina; PÉREZ MACHADO, Reinaldo Paul. A influência do meio no planejamento urbano: o caso de São José dos Campos - SP. 2011, p.8 e 9.

²⁵ Ibidem, p.9.

²⁶ VIANNA, Paula V. Carnevale; ELIAS, Paulo Eduardo M. Cidade Sanatorial, cidade industrial: espaço urbano e política de saúde em São José dos Campos, São Paulo, Brasil. 2007, p. 1297.

enfermos. Na outra ponta, o jornal da cidade, o *Correio Joseense*, publicava a preocupação da população com a chegada de tuberculosos, com a disseminação do bacilo para a população local e a ausência de infraestrutura da cidade para acolher tanta gente.

CONCLUSÃO

O início do século XX trouxe novas promessas de melhorias na saúde pela ciência e pela tecnologia. Novos paradigmas na medicina, uma hegemonia do saber médico, novas instituições de pesquisa na área da saúde e um contexto sócio-econômico-cultural em acelerado processo de mudanças. Durante o século XX, a emergência de epidemias colocaram em xeque, as precariedades das estruturas do Brasil, instaurou tensões e conflitos, colocando em risco a capacidade do serviço de saúde do país, impondo assim uma reorganização social.

Os artigos do periódico *Boletim Médico* são um exemplo dos novos saberes médicos difundidos no século XX. Mas também servem para demonstrar quão insuficientes eram essas conquistas diante de tantas moléstias. Os conhecimentos médicos naquela época de pouco valeram para estancar o mal que se tornou a tuberculose, insuficiência de recursos médicos e dos poderes públicos.

Como aponta a historiografia anteriormente examinada, é possível identificar diversos elementos recorrentes na narrativa sobre as reações sociais frente às epidemias – uma verdadeira dramaturgia. Entretanto, essa é apenas uma dimensão possível de análise desses eventos. As implicações e os significados atribuídos à experiência epidêmica também são modulados segundo outras variáveis e contextos que são específicos. Assim, ao lado desse repertório de elementos recorrentes, é possível identificar particularidades que vão marcar cada um desses eventos.²⁷

Como Silveira nos aponta, a História das Epidemias vai além de narrar tragédias, desastres urbanos e exclusão social, seu principal objetivo está em analisar os impactos que as epidemias têm sobre a vida cotidiana. Estes atingem níveis diferentes nos contextos sociais, políticos e culturais: o medo, as mudanças na vida cotidiana, às expectativas geradas sobre as conquistas médicas, insatisfação com as medidas do governo e a mobilidade da população para socorrer as vítimas, são exemplo dos impactos que uma epidemia pode gerar.

Como uma destas marcas, a tuberculose era um mal a ser combatido e São José dos Campos tornou-se seu laboratório. Através do *Boletim Médico* e de outras fontes produzidas

²⁷ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918. 2008, p.279.

na época é possível observar o tamanho envolvimento que a cidade tinha com a doença, a busca por uma cura, por um conhecimento mais amplo da sua patologia, de tratamento, diagnósticos e terapêutica. Não somente os médicos, mas toda a comunidade buscava respostas que estavam além do seu tempo: como conter uma epidemia tão enraizada na sociedade como a tuberculose?

Desta forma, os efeitos da tuberculose em São José causaram mudanças a curto e longo prazo. Mesmo com todos os problemas causados pela epidemia por todo o seu território,, o estado que mais investiu em medidas públicas para sanar este problema na época fora o paulista, mesmo que pouco foi feito para alterar o quadro crítico em que se encontravam, e insuficientes mudanças nas estruturas administrativas puderam ser notadas em curto prazo. Mas em longo prazo, todas as ações promovidas pelo governo estadual e local influenciaram em mudanças na saúde pública atual, contribuindo para encorajar projetos sanitários e uma maior consciência dos problemas que assolavam o país.

Os médicos pouco sabiam sobre a tuberculose, mas o pouco que sabiam era de conhecimento geral: cada avanço científico, cada conquista terapêutica, cada medida sanitária comprovada eram difundidos para todos os países, na busca constante de eliminar o mal que tinha se tornado a peste branca. Todavia, o aparecimento constante de novas epidemias dificultava um conhecimento amplo de cada uma de suas mutações, curas, contágios e desenvolvimentos.

Mesmo com a ausência de assistência do governo, as cidades sanatoriais e os estados conseguiram sobreviver as mais diversas doenças. O que cada epidemia demonstrava era como o conhecimento e as infraestruturas eram poucas e frágeis, sendo que Cada melhoria feita numa epidemia não serviria para a próxima e deveriam ser melhoradas. As políticas de saúde tomadas para conter a varíola, por exemplo, não serviu para conter a tuberculose ou a influenza espanhola. Portanto, cada nova epidemia que surge expõem as fragilidades do governo e as medidas que são tomadas para evitar quaisquer tipos de doença.

Em suma, as consequências para as cidades eram desastrosas, mas também serviam para, paradoxalmente, melhorar seu sistema de saúde e social. Quando a tuberculose chegou a São José dos Campos através de enfermos pela linha ferroviária, esta era apenas uma pequena cidade, com menos de 20 mil habitantes, que sobreviviam de trabalhos braçais em fazendas ou do pequeno comércio local. Cada investimento em melhorias deixava a cidade mais atrativa e numerosa: empregos começaram a surgir em diversos setores, às primeiras

indústrias chegaram introduzindo um conhecimento novo e tornando-se mais um motor para impulsionar o município, juntamente com o comércio da tuberculose. Conseqüentemente, as epidemias deixavam rastros de destruição por onde passavam, proporcionando muitas mortes, questionamentos médicos e pressão sobre as autoridades, mas a tuberculose fez São José dos Campos prosperar e resurgir no âmbito nacional.

REFERÊNCIAS

Fontes

BOLETIM MÉDICO nº 1 e 2, São José dos Campos, Maio de 1933.

_____ nº10, São José dos Campos, Fevereiro de 1934.

CORREIO JOSEENSE nº 209, São José dos Campos, Maio de 1924.

O CAIXEIRO nº 34, São José dos Campos, 27 de Julho de 1905.

Bibliografia

BENCHIMOL, Jayme Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil republicano*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERTOLLI FILHO, Claudio. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

CESCO, Nelly de Toledo. *São José dos Campos: uma visão da fase sanatorial*. São José dos Campos: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1992.

FARIA, Lina. *Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da saúde pública no Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.

PILLER, Raquel Vilela Blake. Epidemiologia da Tuberculose. *Pulmão RJ* 2012; 21 (1): 4-9.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. *A influenza espanhola e a cidade planejada: Belo Horizonte, 1918*. Belo Horizonte: Argumentvm: FAPEMIG: CAPES, 2008.

TORTORELLA REANI, Regina; PÉREZ MACHADO, Reinaldo Paul. A influência do meio no planejamento urbano: o caso de São José dos Campos - SP. *Revista Geográfica de América Central*. Costa Rica, número Especial EGAL, 2011.

VIANNA, Paula V. Carnevale; ELIAS, Paulo Eduardo M. Cidade Sanatorial, cidade industrial: espaço urbano e política de saúde em São José dos Campos, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, vol. 23, n.6, jun, 2007, p.1295-1308.

ZANETTI, Valéria; PAPALI, Maria Aparecida; OLMO, Maria José A. del; VIANNA, Paula V. Carnevale. Boletim Médico: prescrição dos tisiólogos para a cura da cidade de São José dos Campos (1930-1935). *História Ciência Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol.17, n.3, 2010, p. 719-737.